

Capítulo I

UM GRANDE PLANO PARA FÉRIAS

— A mãe anda a preparar alguma surpresa — disse Filipe Mannering. — Com certeza. Tem um ar muito misterioso.

— Sim — respondeu a irmã, Dina. — Sempre que lhe pergunto o que vamos fazer nestas férias, ela diz apenas: «Espera e verás!» Como se tivéssemos ainda dez anos!

— Onde está o João? — perguntou Filipe. — Vamos ver se ele conhece os planos da mãe.

— Saiu com a Maria da Luz — disse Dina. — Ah! Estou a ouvir a velha *Didi* a guinchar. Lá vêm eles!

João e Maria da Luz entraram juntos, muito parecidos um com o outro, com os seus cabelos ruivos, os seus olhos verdes e os rostos cheios de sardas. João riu.

— Olá! Haviam de ter estado connosco há bocado. Um cão pôs-se a ladrar para a *Didi*; ela empoleirou-se numa sebe e pôs-se a miar como um gato. Nunca na minha vida vi um cão tão pasmado.

— Meteu o rabo entre as pernas e pôs-se a fugir — disse Maria da Luz, coçando a cabeça da *Didi*. O animal percebeu

que os pequenos estavam a falar dela e começou outra vez a miar. Depois soprou e rosnou como um gato zangado. Os garotos riram-se.

«Se tivesses feito isso ao cão, ele morreria de pasmo», comentou João. «Querida *Didizinha*. Ninguém poderá estar triste junto de ti.»

A *Didi* começou a balouçar-se de um lado para o outro e a fazer um ruído monótono. Depois soltou um dos seus tremendos cacarejos.

«Estás a exhibir-te», afirmou Filipe. — É melhor não lhe darmos importância. Põe-se a fazer barulho e a mãe entra por aí dentro.

— Isso lembrou-me outra vez... porque será que a mãe anda tão misteriosa? — perguntou Dina. — Maria da Luz, ainda não reparaste?

— Bem, a tia Lia tem o ar de quem anda a preparar uma surpresa — disse Maria da Luz, pensando no caso. — Exatamente como costuma fazer antes dos nossos aniversários. Eu por mim penso que ela arranjou um plano para as férias grandes.

— Ora! Eu também arranjei um ótimo plano — resmungou João. — Simplesmente fantástico. E o melhor é propor o meu antes que a tia Lia apresente o dela.

— Qual é o teu? — perguntou Dina, muito interessada. João tinha sempre planos maravilhosos, embora muitos deles fossem irrealizáveis.

— Bem... penso que poderíamos partir todos juntos nas nossas bicicletas, levando connosco tendas, e acamparmos cada noite em lugar diferente — respondeu João. — Será aliciante.

Os outros olharam-no com ar de troça.

— Sugeriste isso nas férias passadas e nas anteriores também — declarou Dina. — A mãe não achou bem e agora é natural que também não concorde. É um belo plano partirmos



assim absolutamente sozinhos, mas como temos tido tantas aventuras a mãe nem sequer quererá ouvir falar nisso.

— É a tua mãe não poderia vir connosco? — sugeriu Maria da Luz, cheia de esperança.

— Ora, estás a ser palerma — declarou Dina. — A mãe é adorável, mas as pessoas crescidas são tão complicadas! Teríamos de vestir as nossas gabardinas logo às primeiras gotas de chuva, ou os casacos logo que o Sol se encobrisse e não me admiraria se tivéssemos de levar uma sombrinha atada ao guiador da bicicleta.

Os outros riram-se.

— Então julgo que será melhor não convidar a tia Lia — lembrou Maria da Luz. — Que pena!

«Que pena! Que pena!», concordou logo a *Didi*. «Limpem os pés e fechem a porta, onde está o teu lenço, rapaz malcriado?»

— A *Didi* é que sabe bem como são as coisas! — disse Filipe. «É mesmo isso que as pessoas crescidas dizem, mesmo as mais simpáticas, não é, *Didi*, minha querida ave?»

— O Jaime não é assim — voltou logo Maria da Luz. — O Jaime é estupendo.

Toda a gente concordou logo. Jaime Cunningham, ou o «Jaime Smugs», como ele primeiro lhes dissera ser o seu nome, era um amigo sincero e tinha partilhado das suas aventuras. Por vezes os pequenos haviam-no arrastado para elas e outras vezes dera-se o inverso — ele entrara numa aventura e as crianças tinham-no seguido. Na verdade, parecia às vezes, como dizia a Sr.^a Mannering, que as aventuras surgiam onde quer que estivessem Jaime e os pequenos.

— Eu também tive um ideia para estas férias — afirmou Filipe. — Pensei que seria muito divertido acampar lá em baixo junto do rio e caçar lontras. Nunca domestiquei uma lontra. Como elas são encantadoras! Eu pensei...

— Claro que havias de pensar uma coisa desse género — disse Dina, irritada. — Justamente porque és louco por toda a espécie de bichos desde as pulgas até... até...

— Elefantes — prosseguiu João amavelmente.

— ... desde pulgas até elefantes, pensas que todos os outros também o são — afirmou Dina. — Que férias horríveis à busca de lontras molhadas e escorregadias, e com elas metidas na tenda à noite, suponho eu, e também com toda a espécie de outras coisas horríveis.

— Cala-te, Dina — disse Filipe. — As lontras não são horríveis. São encantadoras. Havias de vê-las nadar debaixo de água. E, a propósito, eu não sou louco por pulgas, ou por mosquitos ou por moscardos. Acho-os interessantes, mas não posso dizer que já alguma vez os tivesse domesticado.

— E aqueles fura-olhos que tiveste uma vez e fugiram da porcaria daquela gaiola que fizeste para eles? Uh! É aquele escaravelho que fazia habilidades? É aquele...

— Oh, que diabo! Acabemos com isto! — atalhou João, que sentiu estar prestes a rebentar uma daquelas questões familiares entre Filipe e a impulsiva Dina. — Julgo que vamos ouvir agora uma longa lista dos animais de estimação do Filipe. Mas olhem, lá vem a tia Lia. Podemos perguntar-lhe o que pensa dos nossos projetos de férias. Apresenta-lhe primeiro o teu, Filipe.

A Sr.^a Mannering entrou com um livrinho na mão. Olhou a sorrir para as quatro crianças, e a *Didi*, deliciada, arrebitou a poupa como que a dar-lhe as boas-vindas.

«Limpa os pés e fecha a porta», disse ela com voz amigável. «Um, dois, três, partida!»

Fez um ruído semelhante a um tiro de pistola depois da palavra «partida» e a Sr.^a Mannering deu um pulo, assustada.

— Não se assuste, mãe, ela faz isto desde que assistiu aos nossos jogos na escola e ouviu o árbitro gritar assim para nós,